

# VALDÉS domina G. MARTINS E PERDE A DECISÃO, QUE SERÁ RECTIFICADA

Sousa derrota Albarrán — Os outros combates

A sessão de domingo no Estádio Maier foi pouco brilhante e não pode emparelhar com outras que no mesmo local se têm efectuado.

O combate de fundo, entre Guilherme Martins e Valdés, ambos pesos leves, durou os 8 assaltos previstos no programa. A decisão elaborada por um júri foi atribuída ao pugilista nacional em detrimento do jogador visitante. Podemos chamar-lhe decisão patriótica e injustificada, porque o domínio técnico do castelhano havia sido claro e evidente em quase todos os assaltos dos encontros.

Martins, que não estava preparado para um combate que se antevia rude e veloz, por motivo das obrigações do serviço militar, perdeu os seis primeiros assaltos. O jogador espanhol não se aplicou a fundo, como era seu dever de desportista, e desde o início só tivemos ocasião de o ver lutar episódicamente, embora dando impressão de combater sem tréguas. Em suma, passou a mão pelo pelo do público...

Martins esgrimiou enquanto pôde e fez coisas vistosas nos primeiros três assaltos. Encaixou bem alguns — raros — golpes duros no rosto, mas não conseguiu bater com a direita em *hook*, provando assim que o sócio é anunciado demais. Em seguida a uma troca violenta no 2.º assalto, passou a cobrir-se e a ceder terreno, rompendo o contacto e precipitando-se no corpo-a-corpo para evitar as entradas de Valdés. A passividade deste jogador a partir do sexto assalto tornou-se notória e Martins obteve a pontuação dos 2 últimos assaltos.

O árbitro, sr. Machado Júnior

mos somente os mais destacados.

O belenense Figueira e o sportinguista Mendes são dois corredores de velocidade com excelente «pinta» e aos quais auguramos bom futuro desportivo. Manuel Coelho deixou boa impressão na velocidade prolongada, bem como Domingos Canhão no meio fundo curto.

Manuel Avelino venceu bem os 2000 metros, sabendo colocar-se desde a largada em bom lugar — ao contrário de Américo Silva, que a nosso ver perdeu a prova por inexperiência, deixando-se ficar durante volta e meia na cauda do pelotão e obrigando-se a recuperar numa volta mais de cinquenta metros, em sucessivas ultrapassagens.

No grupo dos saltadores, talvez o mais fraco, apareceram rapazes com habilidade, mas fisicamente pouco dotados para a especialidade. Armando Morais é possante, mas pesado, e Octávio Costa, muito ágil, não possui a estatura de um saltador em altura.

Nos lançamentos, em contrapartida, há bastante por onde escolher: Fernando Paiva, Mendes, Mateus, Morais, etc., possuem estôfo de lançadores, mas, como é lógico, uma longa preparação técnica a cumprir.

SALAZAR CARREIRA

não leu convenientemente os boletins, facto que, pela segunda vez, lhe aconteceu. Um dos juizes opinara pela vitória de Valdés e o outro optara pelo empate. Mal se compreende o engano e a falta de cuidado havido na decisão publicada, que deverá ser rectificada para «empate».

Antes, em combate de meio fundo, assistiu-se ao choque de Augusto de Sousa com Albarrán. O aspecto geral desta pugna foi a rudeza sangrenta, despidia de boa esgrima.

Sousa procurou descer ao sobrado o espanhol, aplicando-lhe a direita em «contra», mas só raras vezes a empregou com êxito. No 5.º assalto foi atingido com um golpe na face esquerda, que lhe cortou a pele, sangrando em abundância. Momentos depois era Albarrán quem sofria idêntica punição. Os dois últimos assaltos foram morosos e, além da sangria, viram-se bastantes irregularidades de parte a parte. A vitória de Sousa, por pontos, foi justa.

Quintas, outro espanhol, derrotou o principiante Rocha 2.º, em 6 assaltos. O português entrou a todo o pano, mas no 2.º assalto foi

(Continuação da página 10)

## DUAS NOTAS POR SEMANA NO ESTRANGEIRO EM PORTUGAL

O «lennis» de mesa possui no estrangeiro grande popularidade e as suas competições chamam sempre numerosa assistência, atraindo pela emoção e pelo dinamismo espectacular das jogadas.

Os grandes campeões internacionais exibem-se nas vastas salas de espectáculo com tanto êxito e tamanho entusiasmo como os mais afamados pugilistas. Questão de clima...

Assim se explica que, em Inglaterra, se mova agora forte campanha para a criação de um profissionalismo «mesa-tennis» — se nos é permitido usar desta palavra em contribuição para a actual tendência do neologismo desportivo — o qual passaria a viver independente das organizações amadoras.

Este alvitre encontrou, porém, em determinados meios, forte oposição, que pode parecer estranha à primeira vista, pois afigura-se vantajosa para todos os interessados, participantes ou organizadores.

A atitude de reacção passa, contudo, a ser claramente compreensível quando se conhecem as disposições do regulamento internacional da modalidade, que permite aos amadores receberem quaisquer quantias pelas suas exhibições desde que peçam prévia autorização! Nestas condições, na realidade, não se justifica a separação em categorias; não há trigo, nem joio. É ludo trigo — e do melhor.

Quem havia de supor que o pacato «lennis» de mesa era o mais liberal dos desportos!

O encontro internacional do Estoril deixou no espírito de todos uma certeza: os xadrezistas portugueses podem competir em absoluto com os espanhóis, e até vencê-los, sem que isso pareça extraordinário. Esta convicção é mesmo compartilhada pelos próprios jogadores que em Outubro, em Madrid, devem defrontar a equipa da nação vizinha, num segundo «mach» que tem desde já foros de sensacional. Contrariamente ao que sucedeu antes da nossa estreia internacional, encara-se a possibilidade do triunfo — e não a de obter um resultado a vincar simplesmente que não existe entre os dois grupos de jogadores peninsulares aquela diferença de classe que chegou a propalar-se.

Faltam somente cinco meses para o novo encontro. Por parte da nossa Federação, porém, não se verificou ainda qualquer iniciativa tendente a impulsionar o treino dos nossos prováveis representantes. Todavia, estamos precisamente na melhor altura de cuidar deste tão importante pormenor. Não faltam incitamentos e alvires. A acção do dr. Ayala Botto, por exemplo, revestida da

característica particular que lhe dá o seu cargo de Inspector de Desportos, tem sido magnífica de oportunidade, indicando o caminho a seguir em algumas das suas oportunas palestras radiofónicas.

Na imprensa também o problema tem sido agitado. O internacional Rui de Nascimento, num dos últimos números do nosso colega «Mundo Desportivo», esboçou um estudo interessante do problema, tratando-o com grande acerto.

Depois de indicar o melhor método a usar para incutir confiança nos jogadores, aconselha as análises críticas das partidas e estilos dos nossos adversários espanhóis e trata da importante particularidade da resistência, que divide em física e psicológica. Comenta o factor «espírito de equipa» e aborda a parte propriamente técnica, para a qual aconselha um inventário das características dos nossos jogadores, para se determinar quais as tendências e reacções dos xadrezistas em face do desenrolar das partidas, permitindo ao seleccionador estar a par e aconselhar os elementos que escolher de acordo com os pormenores que observar.

São sugestões muito interessantes, embora na prática, em rigor, nem todas pareçam viáveis, não pelas características que encerram mas pela nossa clara falta de preparação para tão vasto quão completo plano de actividade.

Pelo menos, aparentemente, a sua aceitação nos meios oficiais parece-nos duvidosa, pelo conhecimento que temos da nossa pequena adaptação ao que se considera como... novidade.

Segundo tudo parece indicar, mais uma vez o treino da futura selecção nacional de xadrez vai limitar-se a um ou outro torneio e à preparação de iniciativa particular, no campo do estudo da teoria...

Joga-se actualmente, no Grupo Xadrez de Lisboa, o campeonato do Sul, disputado por nove jogadores da categoria de honra da Associação e por três Mestres. Em seguida, ainda sem confirmação oficial, efectuar-se-á o campeonato inter-clubes e o torneio dos Mestres — e daqui sairá a equipa a enviar a Madrid.

Do problema da selecção nacional e da orgânica dos torneios, falaremos noutra oportunidade. Por agora preocupa-nos, acima de tudo, o perigo que a nossa representação poderá correr se se persistir em métodos que encerram comodismo muito prejudicial. Uma preparação baseada nos moldes propostos pelo internacional Rui Nascimento, por exemplo, seria o ideal — sem exigir muito.

Mas também, no caso de hipotéticos menos animadoras, não devemos deixar que se apodere de nós o pessimismo derrotista. Não há dúvida que os nossos jogadores, mesmo sem a intervenção oficial, não descum a sua preparação e que em Madrid os veremos exhibir-se no máximo da sua força!

VASCO SANTOS

Stadium